

**O HEROÍSMO ÉPICO E AS LEITURAS DA
CONTEMPORANEIDADE: UM DIÁLOGO ENTRE AQUILES E
PERCY JACKSON, EM HOMERO E RICK RIORDAN –
PENSANDO FORMAÇÃO DE LEITORES**

**THE EPIC HEROISM AND READINGS
OF CONTEMPORARYITY: A DIALOGUE BETWEEN THOSE
AND PERCY JACKSON, IN HOMERO AND RICK RIORDAN -
THINKING FORMATION OF READERS**

Adriely Cristina Duarte da Silva¹

Diogo Raimundo Rodrigues Santos²

Resumo: Este artigo pretende, a partir do diálogo com leituras literárias clássicas e pós-modernas, apresentar uma proposta de interpretação poética das obras *A Ilíada*, de Homero e *O ladrão de raios*, de Rick Riordan, para além do maniqueísmo cânone x literatura de massa. Neste caminho, pretendemos pensar a questão do heroísmo épico a partir das personagens Aquiles e Percy Jackson, refletindo sobre as questões que a obra literária pode suscitar na formação de leitores.

Palavras-chave: Herói. Literatura. Leitura. Formação de leitores.

Abstract: This article intends from the dialogue with classic and postmodern literary readings, to present a proposal of poetic interpretation of the works *The Iliad* of Homer and *The thief of rays*, of Rick Riordan in addition to the Manichaeism Canon and Mass Literature. In this way, we intend to think the issue of literary criticism, from the characters Achilles and Percy Jackson, reflecting on the issues that the literary work can elicit in formation of readers.

Key-words: Hero. Literature. Reading. Formation of readers.

Introdução

O heroísmo é uma questão percorrida na literatura e nas culturas durante séculos de história da humanidade. Desde os heróis clássicos da literatura canônica até os heróis dos quadrinhos e dos fenômenos midiáticos (exemplo: cinema, que bem na verdade é a sétima arte!), esses paladinos da justiça sempre estiveram em voga no ideal criativo do

¹ Mestranda em Estudos Literários, Universidade Federal do Pará. Especialista em Educação de Jovens e Adultos (UFPA). Graduada em Pedagogia (UFPA). Pesquisadora do Núcleo Interdisciplinar Kairós (NIK) vinculado ao Instituto de Letras e Comunicação. E-mail: adrielycristinaduarte@hotmail.com

² Mestrando em Estudos Literários, Universidade Federal do Pará. Especialista em Educação de Jovens e Adultos. Graduado em Pedagogia, Universidade Federal do Pará. Pesquisador do Núcleo Interdisciplinar Kairós (NIK) vinculado ao Instituto de Letras e Comunicação. E-mail: diogorod77@gmail.com

humano. Neste sentido, histórias fantásticas com heróis sempre surpreenderam os leitores de todas as épocas. No entanto, para a maioria dos autores que pesquisam sobre formação de leitores e educação literária, a literatura clássica está em crise, e não é mais tão desejada e lida pelo público infantojuvenil, que em sua grande maioria consome os denominados best-sellers.

Nosso principal alvo neste trabalho será o de provocar o pensar, a partir da epopeia grega *A Ilíada*, de Homero, e da obra contemporânea *O ladrão de raios* (2008), do norte-americano Rick Riordan, a questão do herói na literatura clássica e da contemporaneidade na formação de leitores, procurando resgatar o interesse pela literatura canônica e estabelecer diálogos entre gerações, culturas, literaturas e leituras.

A imagem do herói parece ser algo sempre presente na maioria das culturas. O herói é aquele que vence toda e qualquer adversidade. Até mesmo “o calafrio ante a ameaça da morte” (HEIDEGGER, 2010, p. 24). A presença dos deuses é algo que está constantemente brilhando nas suas jornadas. Exemplos clássicos podem ser observado nas epopeias gregas e nas narrativas judaico-cristãs, é assim que vemos Moisés e Ulisses, os dois heróis, na maioria das vezes, em seus desafios contam com as benesses e maldições de Yahweh e os deuses do Olimpo. Hegel (2001), por outro lado, ao discutir sobre as figuras heroicas em sua obra *A Razão na História*, mostra os heróis não como indivíduos amparados por mensageiros angelicais, mas como sujeito dentro de uma perspectiva materialista:

Nele se concentra a situação histórica. Como indivíduo, com todos os seus ímpetos e poderes, ele não é nada senão a matéria-prima do Espírito do Mundo, que o agarra com uma paixão histórica avassaladora. O Espírito abstrato assim adquire o poder concreto de realização. [...] (HEGEL, 2001, p. 35).

A esteira e cosmovisão que seguiremos aqui será a clássica, em que o herói é aquele que dança com os deuses e conversa com mortais e imortais, ele ultrapassa as forças humanas, é movido por coragem e altruísmo e é assim que consegue matar a medusa ou derrotar um gigante. Eles são os que enfrentam a morte e a vida, não recuam mesmo considerando seu estado humano e mortal.

No entanto, apesar de os heróis mostrarem força e poder, cada qual possui características próprias, o que será expresso por meio de suas aventuras e também em virtude do contexto (mundo/cultura). Deste modo, cada história é uma narrativa e leitura diferente e rica, que contribui para a formação de leitores críticos, humanos e abertos.

Assim, é deste modo que acreditamos que os dois personagens heroicos, Aquiles e Percy Jackson, tem muito a nos educar poeticamente. Mas o que seria um educar poético?

Educar não é uma questão de escola e currículo. É uma questão de ser, de humanizar-se sendo o que recebeu para ser. O humano de todos os homens é inerente a todas as épocas, povos e suas culturas. Desde a eclosão do ser humano na vida, há educar porque ele diz respeito à eclosão de mundo, sendo indissociável da essência do ser humano e da verdade no acontecer da realidade. Educar diz respeito sempre, portanto, à realização poética do ser humano enquanto vigora na verdade do sentido do ser. (CASTRO, 2014, p. 15).

Neste artigo apresentaremos como acontece o fenômeno do heroísmo épico, de que modo ele nasce na antiguidade, de que forma se apresenta na contemporaneidade e de que modo isso contribui para a formação de leitores. Para isto, analisaremos a obra *A Ilíada*, de Homero, em diálogo com *O ladrão de raios*, de Rick Riordan, para a construção deste escrito elencaremos as personagens Aquiles e Percy Jackson, fazendo uma análise da essência do ser herói na pessoa dos dois protagonistas, o primeiro, um herói épico (ou clássico); o segundo, um herói contemporâneo (ou moderno) e como suas diferentes histórias nos mostram poeticamente possibilidades para a formação de leitores.

Desta feita, a partir de uma concepção de leitura poética, vamos discutir preliminarmente os conceitos de: épico, epopeia, clássico e herói; e em seguida a crise da literatura clássica; o diálogo entre o clássico e o contemporâneo; e, por fim, a relevância destas questões para a literatura e a formação de leitores.

1 Conceitos preliminares – épico, epopeia, clássico e herói

Para continuarmos nossa travessia³ é importante dialogarmos sobre alguns conceitos como épico, epopeia, clássico.

Mas afinal, o que seria algo épico? O termo épico vem do latim *épicus*, refere-se ao que pertence ou é relativo à epopeia ou à poesia heroica. As epopeias apresentam as façanhas (ou os feitos) de um herói arquetípico que representa os valores coletivos de uma nação. O herói é aquele que, mesmo diante do perigo iminente, não se intimida, mas avança.

O dicionário Houaiss define como “poema épico, conjunto de ações heroicas e fabulosas” (2004, p. 292).

³ Utilizamos aqui do termo *travessia*, no mesmo sentido em que Guimarães Rosa usa: “o real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe para a gente é no meio da travessia”. (ROSA, 1994, p. 85).

Um clássico é uma obra de arte que nunca esgota aquilo que tem para dizer, ela nos atravessa, trazendo consigo as marcas das leituras que precederam a nossa e atrás de si os traços que deixaram na cultura ou nas culturas que atravessaram (CALVINO, 2007, p. 9-11). Assim como um historiador olha para a história, a literatura clássica dança no tempo/espaço e, ao mesmo tempo em que nos faz pensar sobre o passado, nos inspira a enxergar caminhos para o futuro. Lajolo desenha um clássico assim (2001),

[...] originalmente clássico era um conceito que abrangia apenas obras latinas e gregas. Só posteriormente passou a incluir também obras escritas nas várias línguas europeias ao longo dos séculos XIV, XV e XVI. No entanto, na atualidade um autor ou texto não precisam ser contemporâneos nem da Grécia de Eurípedes [...], nem da França de Racine [...]. Basta que sejam reconhecidos como excelentes pela crítica. (LAJOLO, 2001, p.20).

O conceito de herói para autores clássicos como Platão e outros está ligado ao divino, “os heróis são semideuses nascidos de um deus que se apaixonou por uma mulher mortal ou de um mortal que se apaixonou por uma deusa” (ABBAGANANO, 1982, p. 498). Assim, as grandes façanhas dos heróis das diversas mitologias e narrativas podia ser explicada pela presença dos deuses. Nas histórias judaico-cristãs, era possível ver, no Antigo Testamento, Moisés, “o messias hebreu” em diálogo com o sagrado fazendo milagres tais como abrir o Mar Vermelho e outros. O judeu acreditava que o seu povo (Israel) era especial e filho de Deus. No Novo Testamento, isto se manifesta com a chegada do messias Jesus Cristo, o filho legítimo de Deus. A partir dele, os chamados cristãos tornam-se heróis e mártires, representando os ideais de seu mestre como amor, esperança, fé e outros.

Hegel discorda da relação do herói com o sagrado, pois, para o pensador:

A fonte da força do herói ainda está oculta sob a superfície da realidade, ele tem acesso direto à realidade da Idéia e ela o inspira a seus feitos, preenchendo todo o seu ser com uma vontade concentrada e fazendo dele assim o sujeito da história, seu criador, que traz à luz o que ainda está oculto no ventre do tempo. É o homem heróico que empurra a história para diante. (HEGEL, 2001, p. 35).

Deste modo, o herói, seja ele acudido pelos deuses ou apenas “pelo Espírito do mundo para seus próprios fins” (HEGEL, 2001, p. 35), sempre surge em meio a uma aventura extraordinária triunfando! Seja vencendo o *Leão de Neméia*⁴, ou voltando da

⁴ GRENIER, Christian. *Os doze trabalhos de Hércules*. São Paulo: Cia das Letras, 2003.

morte. O brasão do herói sempre resplandece e se perpetua na cultura, história e arte da humanidade.

Neste caminho, acreditamos que o herói é aquele que caminha pelas trilhas do mistério, indo além do comum, do ordinário, e operando o/no extraordinário, e por isso dele emana um “lugar aberto no meio do ente, em cuja abertura tudo é diferente do habitual e do natural” (HEIDEGGER, 2011, p. 22,45).

2 Literatura clássica em crise

Nesta esteira poética, percebemos que, com o passar do tempo, as leituras e diversas obras de literatura clássica que exaltam a figura do herói épico clássico estão se tornando cada vez mais esquecidas pelas gerações de leitores da pós-modernidade. Para Cynthia Costa, as crianças leitoras fazem a seguinte classificação do que leem: “há os livros legais e os livros chatos” (COSTA, 2012, p.1), ou seja, os livros que são leituras obrigatórias, exigidas pelos professores e pela escola (que geralmente são clássicos da literatura), e os que elas leem com espontaneidade e por prazer. Para Sodré (1985), a crítica literária especializada divide a Literatura em “duas literaturas, a literatura culta e a literatura de massa. Como sinônimo desta última, podemos usar a expressão *best-seller* [...]” (SODRÉ, 1985, p. 6 - 7).

Então, para aqueles que trabalham com formação de leitores, é interessante observar que atualmente constata-se um crescente desinteresse do público infantojuvenil pelos clássicos da literatura e, em contrapartida, percebe-se um exponencial interesse pelos best-sellers. Sartre acredita que existe uma relação de complementaridade e dependência entre o autor de uma obra literária e o seu leitor. Porque ao escrever, o escritor precisa que o leitor, por meio de sua vontade, espontaneamente reconheça a importância de sua obra, lendo-a; segundo o autor, é preciso “apelar à liberdade do leitor para que este colabore na produção de sua obra.” (SARTRE, 2004, p.39). Mas o significa formar leitores? Antes de tudo cabe-nos questionar o que é o ato de ler? Para Castro (2015):

Ler, em sentido poético, é sempre questionar-se, mas cujo caminho de leitura nos expõe e exige decisões de sentido de nosso viver. Nesse momento, aparece a diferença entre a experiência e a experiencição da leitura, pois esta não apenas nos informa algo, mas nos põe em questão. E isso é compreendermo-nos. (CASTRO, 2015, p. 111).

Desta forma, percebemos que a leitura que forma leitores-humanos é aquela que provoca o questionar e o questionar-se, e desta feita é com tristeza que vemos grandes

obras clássicas, que contém diversas e ricas questões para a formação humana, sendo olvidadas e deixadas nas prateleiras das velhas e poucas bibliotecas existentes no Brasil. É com pesar que ouvimos em seu último curso no *Collège de France* (1979-1980) Roland Barthes afirmar que a “grande literatura estava definhando na prática e no ensino”. (MOISÉS, 2011, p. 251).

Neste panorama, se torna relevante pensar alternativas para criar espaços, sejam físicos ou poéticos, onde os diferentes tipos de literatura existentes na contemporaneidade possam ser lembradas, resgatadas e apreciadas, como obras de arte que são, deste modo, e ao mesmo tempo apresentar propostas com elementos conciliadores para se criar uma atmosfera de diversidade e riqueza na formação de leitores, onde o clássico não seja tido como ultrapassado pelo público infantojuvenil, e os best-sellers não sejam subestimados pela crítica literária.

3 Aquiles e Percy Jackson – dois heróis, duas épocas e gerações

Neste tópico exporemos brevemente uma biografia dos autores de *A Ilíada* e *O ladrão de raios* e abordaremos sobre a trajetória de Aquiles e Percy Jackson. As diferentes narrativas são importantes para percebermos a relevância que cada uma das obras contém enquanto leituras peculiares e ricas com questões para a formação do sujeito-leitor.

É escasso o que se sabe precisamente sobre a vida e até mesmo a real existência de Homero, poeta-pensador grego. Mas pode-se afirmar que seu significado para o povo grego é considerável, pois ele simboliza um fundamento para o legado cultural da civilização ocidental, autor de dois dos maiores clássicos da literatura universal de todos os tempos: *A Ilíada* e *Odisséia*. Para Santana (2004):

Alguns afirmam que ele teria pertencido ao século VIII a.C., época que corresponde ao renascimento da escrita na Grécia, mas na verdade é difícil precisar quando ele teria realmente vivido, ou mesmo em que local. Antigas lendas o descrevem como um aedo - cantores que contavam as histórias heróicas de um povo, sempre acompanhados por um instrumento musical comum entre os gregos antigos, o *forminx*, pobre e cego, vagando aqui e ali, agradando seus anfitriões com a narração de seus versos. Ele teria o hábito de perambular pelas cortes e pelos espaços públicos das cidades desta época, descrevendo os atos heróicos dos aqueus, ancestrais dos gregos. Suas obras legaram à posteridade os relatos sobre as guerras empreendidas por bravos guerreiros para a conquista de Ílion, narradas na *Ilíada*, e os acontecimentos

posteriores, como o destino de Odisseu e de seus companheiros no retorno para casa, contados na Odisseia, no estilo épico, celebrizado por este poeta.

Em *A Ilíada*, quem se destaca é Aquiles. Ele é o maior guerreiro da guerra de Tróia. A sua fúria é o tema fundamental da narrativa homérica, esta é causada por dele ter sido tomada Briseida, a escrava que ele amava. A partir desse empasse, ele se recusa a pelear, e a guerra começa a ficar à mercê dos troianos. Contudo, quando seu amado Pátroclo é morto em batalha, ele retorna à guerra, e finda por matar Heitor, irmão de Páris. É Páris quem, ao sequestrar Helena, dá ensejo para o começo da grande guerra entre gregos e troianos. Aquiles volta aos combates e, após dar cabo da vida de Heitor, desconta sua ira por sete dias no corpo de Heitor, para vingar Pátroclo. No fim, apaziguada sua cólera, restitui o corpo ao pai de Heitor, Príamo. Assim, vemos Aquiles caminhar pela vingança e depois aplacar esta. O paladino trilha uma jornada heroica e morre em honra, jamais hesitando do dever.

Rick Riordan nasceu em 1964 e é escritor norte americano de uma série de livros nos quais ele aborda as mitologias, em especial a grega, no entanto, com um toque adolescente, suas obras fazem sucesso entre esse público. A mais conhecida obra que gerou vários filmes e prêmios no cinema foi a série de livros *Percy Jackson e os olimpianos*. Nesta série, o autor evoca seres da mitologia grega e mescla com aventuras na contemporaneidade. Mudando o monte Olimpo, morada sagrada dos deuses da Grécia, para o Empire States, no coração de Nova York.

Percy Jackson é um semi-deus, filho de Poseidon - o deus do mar. É um adolescente de doze anos que descobre sua linhagem, e então é desafiado a fazer parte de uma aventura na qual irá em busca de sua descoberta e afirmação de identidade. É o líder de um grupo de adolescentes semi-deuses que estão treinando para aprender a dominar seus poderes e descobrirem seus destinos. Após algumas confusões e mal-entendidos, é acusado de roubar o raio-mestre de Zeus, assim iniciando sua aventura para descobrir quem é o verdadeiro ladino. Assim a editora *Intrinseca* resume a obra:

O ladrão de raios, é o primeiro volume da saga *Percy Jackson e os olimpianos*, O ladrão de raios esteve entre os primeiros lugares na lista das séries mais vendidas do The New York Times. O autor conjuga lendas da mitologia grega com aventuras no século XXI. Nelas, os deuses do Olimpo continuam vivos e ainda se apaixonam por mortais, e dessa união nascem filhos metade deuses, metade humanos, como os heróis da Grécia antiga. Marcados pelo destino, eles dificilmente passam da adolescência. Poucos conseguem descobrir sua identidade.⁵

⁵ Disponível em <https://www.intrinseca.com.br/livro/409/>. Acessado em: 03 Set. 2018.

Os dois heróis representam não somente duas histórias diferentes, mas duas épocas e duas gerações distintas. Desse diálogo é possível eclodir uma rica rede de questões; questões culturais, sociais, filosóficas e ontológicas do humano. Uma das principais questões que podemos observar nos heróis Aquiles e Percy Jackson é a questão da leitura, que está intimamente ligada à prática de formação de leitor. As duas personagens são obras vivas que apresentam uma leitura e interpretação do humano. Cada um é uma possibilidade de formar leitores, quando olhamos para suas jornadas e aventuras, vemos a nós mesmos em nossos bosques do cotidiano, com nossos problemas, dilemas e questões. Enquanto os eruditos adultos louvam Aquiles, as crianças exaltam Percy Jackson, os primeiros são aqueles que “tudo sabem”, enquanto que os outros são aqueles que tem como dom o “não-sabido”. Podemos aprender sobre leitura com estes dois personagens, assim como com os grandes críticos literários e especialmente com as crianças, pois elas são aquelas que habitam no poético, e, como diz Rosa (1994), quando uma criança nasce, um novo mundo é inaugurado. Deste modo, Aquiles e Percy Jackson nos mostram como a leitura é algo belo, poético, vivo e está para além de prisões, pois “a leitura é rebelde e vadia” (CHARTIER, 1998, p. 7) e não se prende à ordem dos livros, como diz Chartier (1998). Além do que, a leitura é a comunhão das diversidades:

Todas as línguas, como ritos, dizem o diferente, mas como linguagem dizem sempre o mesmo, embora não digam as mesmas coisas. Só porque a linguagem diz sempre o mesmo é que um mesmo ser humano pode falar diferentes línguas, traduções podem ser feitas e haver a tradição viva da memória. Tudo isso é leitura. (CASTRO, 2015, p. 56).

4 A relevância dos heróis épicos e contemporâneos dentro da literatura e para a formação de leitores

Os heróis épicos são provenientes da literatura clássica, também denominada por alguns autores de a “grande literatura”. A questão cânone versus literatura de massa ainda é muita discutida em nossos dias, mas nossa proposta não é aprofundar este abismo, mas aproximar essas realidades.

O herói contemporâneo é aquele que encontra ressonância no público infantojuvenil da atualidade, as crianças e jovens se identificam com eles porque esses heróis parecem sofrer os mesmos dilemas que seus leitores, o cotidiano escolar, as questões da tríade

infância-adolescência-juventude. Como afirma Barreto, sobre a obra famosa entre o público infantojuvenil, *Harry Potter*,

O livro de J. K. Rowling traz um jovem com a difícil missão de eliminar "Você Sabe Quem". Podemos identificar que o "herói", o pré-adolescente Harry Potter, é uma pessoa aparentemente comum. Por causa de sua fragilidade, o leitor se identifica rapidamente com o protagonista. (BARRETO, 2012, p.1).

Os heróis, independentemente de serem clássicos ou modernos, nos fazem pensar na humanidade que constitui o ser humano, no que ele ontologicamente é, com suas angústias, temores e perplexidades. Outra contribuição deste trabalho é a reflexão de como a vida acontece, mas aí cabe-nos questionar o que é a vida?

Não podemos delimitar, definir a vida. Isso implica dar-lhe um limite, um acabamento, um esgotamento, ou seja, negar o que *vida* é: perpétua doação, eterno principiar de tudo. *Tudo*. Pois não há nada fora dela que já não seja nela, ou melhor, que já não a seja – mesmo a morte, principalmente a morte, que lhe dá e lhe é o sentido, o princípio, a fonte, a corrente, o mar dos rios-viventes. Como instante de geração, vida tem de abranger o ainda não vivido, o não vivente, ou o que já não mais se vive e – morto – consagra a morte como *possibilidade da possibilidade* de devir. (FAGUNDES, 2014, p. 253).

Neste caminho, pensar o herói é colocar em questão o ser e as possibilidades de virem a ser. O herói é aquele que, em confrontação com a morte, faz uma consagração extraordinária da vida. Todas essas peças do quebra-cabeça denominado homem, que estão no seu cerne, se tornam uma unidade no fenômeno do heroísmo.

A maioria das obras que nossas crianças e jovens estão lendo são best-sellers. E apesar da visão pessimista dos críticos literários sobre essas obras, existem autores que acreditam que essas leituras têm seu valor. Para Nogueira, por exemplo:

A leitura de livros Best-sellers é normalmente vista de forma preconceituosa pelos intelectuais e cânone acadêmico de maneira geral. Entretanto, desconsiderar a dose de importância que tais livros venham a ter na vida leitora dos indivíduos consumidores desse tipo de literatura seria uma atitude errônea, já que implicaria na desconsideração de que eles leem. (NOGUEIRA, 2012, p.1).

Ou seja, não se pode negar que o exercício da leitura é colocado em prática por meio de tais obras, e a leitura por prazer, o que muitas vezes não é possível alcançar com a leitura dos clássicos. Nogueira também acentua que “A leitura precisa ser antes de tudo agradável para que possibilite descobertas e contribua para a construção do conhecimento” (NOGUEIRA, 2012, p.2).

Um dos motivos pelos quais muitas vezes a criança se encanta pelos best-sellers é que a mesma se identifica com o personagem protagonista da obra. O que acontece na obra de Exupery, *O pequeno Príncipe*, uma das poucas obras clássicas ainda lida pela geração *teen*, onde o protagonista é uma criança. E assim, a maioria dessas obras chama e atrai o público infantojuvenil porque ou trata de temas do cotidiano deles (apesar de Percy Jackson estudar em uma escola de semideuses, nota-se que esta ainda é uma escola!), ou de temas que os encantam, como no caso do romance *Crepúsculo*, de Stephenie Meyer, ou a magia em *Percy Jackson e os Olimpianos: O ladrão de raios*. Segundo Aquino (2013), para o leitor infantojuvenil é quase impossível não se identificar com os best-sellers atuais:

A identificação com os Best-sellers infanto-juvenis de hoje é instantânea porque o público alvo deles é justamente o leitor jovem. As personagens destes livros em sua maioria ainda estão na escola, se apaixonando pela primeira vez, tentando descobrir quem são e do que gostam. Qual jovem não se identificaria com isso? Eles gostam de ler sobre as mesmas alegrias e dificuldades que enxergam em seu dia-a-dia, pois estão em uma fase de autoafirmação. (AQUINO, 2013, p.3).

Sendo assim, por mais que o público infantojuvenil não esteja lendo Homero, ou aquilo que a escola gostaria que fosse lido, não se pode refutar que pelo menos os jovens estão lendo. Para Silva, “a leitura é um fator determinante para a vida social do aluno, por estar relacionada diretamente com a capacidade de ler para aprender, bem como é decisiva quanto ao êxito ou fracasso escolar” (SILVA, 2012, p.3). Já para Abreu, “a escola ensina a ler e a gostar de literatura” (ABREU, 2006, p.19), ou seja, esse deveria ser o lócus apropriado para se discutir com os sujeitos leitores sobre essas diversidades e especificidades da literatura infantojuvenil. Após rastrear o tipo de literatura que nossas crianças do âmbito escolar estão lendo, surgem algumas problemáticas: como trabalhar com best-sellers na escola, sendo que a leitura escolar obrigatória é outra? E os clássicos, devem ser abandonados em virtude deste novo paradigma emergente? A escola deve agora adotar os best-sellers como leituras problematizadoras em sala de aula?

Em primeiro lugar, é preciso se despojar de alguns preconceitos em relação aos best-sellers. Para Nogueira, é preciso desmistificar a crença de que “tais leituras são alienantes e nada tem a contribuir na formação de um leitor, pois criará indivíduos acrílicos e passivos, [opinião essa daqueles que se consideram] um seletivo grupo da crítica especializada e erudita” (NOGUEIRA, 2012, p.4). Para Oliveira, ante a leitura de qualquer obra literária “o leitor experimenta novas sensações que provavelmente não teria

coragem ou imaginação para vivenciá-las sem o amparo da ficção nela contida” (OLIVEIRA, 2012, p.30). Portanto, há uma necessidade de se valorizar a leitura que as crianças e jovens elegem. Em segundo lugar, existe um meio de usar os best-sellers como uma ponte para as leituras clássicas. Cintia Barreto, falando a respeito de Harry Potter e *Crepúsculo*, diz que “esses dois livros trazem uma estrutura já utilizada com sucesso por Monteiro Lobato em 1920: a mistura entre o mundo real e o mundo mágico” (BARRETO, 2012, p.1), ou seja, é possível realizar uma ligação entre os livros vendidos pela mídia e os clássicos da literatura!

Barreto entende que ainda é possível associar “Harry com Capitães de areia, Jorge Amado; Crepúsculo com Romeu e Julieta, Shakespeare, Amor de perdição, de Camilo Castelo Branco, e Iracema, de José de Alencar” (BARRETO, 2012, p.2). Aparentemente, o caminho é começar a descobrir o que há de interessante nessas leituras que tanto atraem as crianças e jovens para, assim, buscar uma ampliação com outras leituras. Mesmo que ainda haja muito preconceito em relação à leitura de best-sellers, inclusive “algumas instituições religiosas chegaram a proibir a leitura Harry, acreditando se tratar de incentivo à bruxaria” (NOGUEIRA, 2012, p.4). Não se deve negar a realidade do contexto sócio-cultural em que vivemos. E, sendo assim, é preciso partir desta realidade para a realidade que queremos, afinal de contas, como diz Nogueira “Se a maior mágica em Harry Potter for o incentivo à leitura – em sendo isso verdade – já seria um grande feito.” (Ibid.). Portanto, se a realidade é que nossa juventude estão lendo, partamos da realidade delas para a realidade que gostaríamos de construir.

Neste arco, acreditamos na importância da temática pela sua contemporaneidade, ler sobre heróis, sejam eles da antiguidade ou da atualidade, nos desafia a pensar na importância da literatura clássica e da literatura contemporânea para a formação de leitores. Neste sentido, o herói é um elo entre a antiguidade e a pós-modernidade, e apostamos que geração após geração, cultura após cultura, civilização após civilização reacende-se a chama do herói como um educador poético que lança sementes que germinam época após época. O herói é o educador poético por excelência, pois nos ensina e faz lembrar que somos livres, e que a liberdade é dom mais precioso da vida:

Todo homem, independentemente das diferenças culturais, sabe, no seu íntimo, que a liberdade é divina, é maior do que ele. Tanto é assim que, em todas as épocas e lugares, sempre haverá os que têm a coragem de sacrificar a própria vida pela liberdade, como é o caso exemplar dos heróis trágicos. Eles se imolam para se tornarem, para conquistarem o que, por paradoxal que pareça, ontologicamente já são: livres (senão o fossem, não seriam homens). Não vale

a pena morrer pela liberdade? Quando não se aceita a escravidão, não será preferível a morte a uma vida agrilhoadada? Uma vida escrava é um atentado não somente contra si própria, mas contra o que, de divino, de sagrado, nela há. Ao homem sempre é dada a possibilidade, quaisquer que sejam as circunstâncias em que vive, de poder saltar para dentro de onde já está: o livre aberto da liberdade. (FERRAZ, 2014, p. 107).

Considerações finais

Promover o pensar no ato de ler as narrativas fantásticas dos heróis é um exercício de interpretação e de questionamentos que contribui para uma formação de leitores. Isso nos mostra um caminho resplandecente, no qual o herói é o mensageiro que traz em suas asas a boa nova do educar poético. São muitas as possibilidades, por isso, não ousamos esgotar a questão. No entanto, gostaríamos que mesmo com a singeleza deste escrito, de alguma forma tenha-se colaborado para provocar e fomentar entre os sujeitos envolvidos no processo de formação de leitores a curiosidade e o interesse pela temática aqui problematizada.

Gostaríamos de que com este modesto texto, mesmo que infimamente, possamos cooperar com a formação de docentes, pesquisadores, discentes e seres humanos enquanto formadores de leitores.

Referências

- ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo. Mestre Jou, 1982.
- ABREU, Márcia. *Cultura letrada: literatura e leitura*. São Paulo: Editora UNESP, 2006.
- AQUINO, Cássia Regina Motta de. *Porque (não) ler best sellers na escola*. Disponível em <http://pt.slideshare.net/cassiamotta/porque-no-ler-best-sellers-na-escola>. Acessado em: 10/Jul.2018.
- BARRETO, Cíntia. *Os Best sellers podem abrir caminho para os clássicos*. Disponível em <http://www.conexao professor.rj.gov.br/especial.asp?EditeCodigoDaPagina=4096>. Acessado em: 10/Jul.2018.
- CALVINO, Ítalo. *Porque ler os clássicos*. Tradução de Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das letras, 2007.
- CASTRO, Manuel Antônio de. *Leitura: questões*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2015.
- _____. *O educar poético*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2014.

- CHARTIER, Roger. *A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. Tradução de Mary Del Priore. Brasília: Universidade de Brasília, 1988.
- FAGUNDES, Igor. Vida. In: CASTRO, Manuel Antônio de. *Convite ao pensar*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2014.
- FERRAZ, Antônio Máximo. O homem e a interpretação: da escuta do destino à liberdade. *O Educar Poético*. Manuel Antônio de Castro et al. Rio de Janeiro. Tempo Brasileiro. 2014.
- GRENIER, Christian. *Os doze trabalhos de Hércules*. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo. Cia das Letras, 2003.
- HOMERO. *A Ilíada*. Tradução de Frederico Lourenço. São Paulo: Penguin Companhia, 2013.
- LAJOLO, Marisa. *Literatura: leitores e leitura*. São Paulo: Moderna, 2001.
- MEZARI, Meiry Peruchi. *Intertextualidade como motivação para a leitura dos clássicos: de Percy Jackson e os Olimpianos para As Metamorfoses de Ovídio*. Disponível em http://www.mafua.ufsc.br/numero15/ensaios/intertextualidade_como_motivacao_para_a_leitura_dos_classicos.html. Acessado em: 10/Jul.2018.
- MOISÉS, Leyla Perrone. Os heróis da literatura. *Revista Estudos Avançados*, 2011.
- NOGUEIRA, Carine Rodrigues. *A influência da leitura de best sellers na formação do leitor: uma reflexão sobre o fenômeno Harry Potter*. Disponível em encontros.cariri.ufc.br/index.php/eu/eu2011/paper/download/.../444. Acessado em: 10/Jul.2018.
- RIORDAN, Rick. *O ladrão de raios*. Percy Jackson e os Olimpianos, Volume 1. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2008.
- ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*. Volume II. Biblioteca Luso-Brasileira. Editora Nova Guilar, 1994.
- SARTRE, Jean Paul. *Que é a Literatura?* Tradução de Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Ática, 2004.

Artigo recebido em: 09/08/18

Artigo aceito em: 02/09/18